

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS

A C T A S  
DO  
QUINTO CONGRESSO

UNIVERSIDADE DE OXFORD

1 a 8 de Setembro de 1996

TOMO II

Organização e coordenação

T. F. EARLE

OXFORD – COIMBRA  
1998

# HISTÓRIA DOS MILAGRES DO ROSÁRIO: DIÁLOGO E NARRAÇÃO — ALGUMAS CONFLUÊNCIAS

MARIA TERESA NASCIMENTO\*

João Rebelo é, segundo dados colhidos em Barbosa Machado, um jesuíta, natural do Prado, do bispado de Lamego, que nasce em 1542 e morre em Évora em 1602, na Companhia de Jesus. É também 1602 o ano da publicação da *História dos Milagres do Rosário*. De profunda índole religiosa, a redacção de tal obra atesta a ligação indelével a um homem para quem a religião não se esgota numa atitude de contemplação, de interiorização, mas se volta predominantemente para o Outro, num trabalho que se pretende catequético.

A subdivisão da obra em Diálogos, que assim são expressamente mencionados, levamos a interrogarmo-nos sobre a pertinência desta designação e a questionar a pertença da obra a um vasto conjunto de textos que, também eles, se reclamam de igual nomeação.

Começemos, na dilucidação desta matéria, pelo extenso paratexto que serve a *História dos Milagres do Rosário*, intitulado "Prólogo ao leitor". De fólhos não numerados, o Prólogo, subdividido em várias partes, revela-se, desde logo, de suma importância para o nosso propósito, pelas considerações metalinguísticas que nele se tecem. O autor denota uma preocupação de filiação do texto noutros textos, com base em pressupostos de ordem temática e genológica. Por isso, a proposta de escrita, mais do que de inovação, pretende-se de imitação, o que não nos surpreende se atendermos ao contexto periodológico de produção da obra.

Do ponto de vista temático, pois, é explicitamente mencionada a radicação deste texto em fontes de natureza mariana, de autores vários, muitos deles ligados à Ordem de S. Domingos, Santo a quem se deve a renovação do culto à Virgem. Fonte de outra natureza é a de textos de carácter epistolar, colhidos nas *Cartas da Companhia de Jesus*, provenientes de relatos de natureza testemunhal. O texto constitui-se, pois, com base na lição de outros textos, que se imitam, mas também se acrescentam por forma a que "não se percam, nem esqueçam" os milagres do Rosário — "E como quasi todos os autores, que delle tratão, fazem historia de seus milagres, nos parecia tambem que a deviamos fazer, principalmente avendo muytos que elles não escreverão, e outros que depois se fizerão como se vera no discurso de sua historia."<sup>1</sup>

---

\* A apresentação desta comunicação contou com o apoio da Secretaria de Educação da Região Autónoma da Madeira.

<sup>1</sup> João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário*, em Évora por Manoel Carvalho, impressor da Universidade, 1619, p. VII. Para maior facilidade de citação do Prólogo, permitimo-nos proceder à sua paginação.

História, pois, se pretende esta obra, e a ostentação desta designação no título tem um alcance que vai para além da simples tradução de um acto de contar, como se pode inferir da analogia surgida no Prólogo entre história e pintura: "(...) porque como a historia não seja outra cousa senão hũa viva pintura, em que vemos tão clara e destintamente as cousas passadas como as presentes<sup>2</sup>". Desta afirmação facilmente se chega à legitimidade do estatuto de historiador de que o autor se reclama — " Este livro tem a mesma autoridade, que a de hum historiador grave, douto, e Religioso<sup>3</sup>" — e se abre lugar, com toda a pertinência, às recorrentes asserções de verdade que informam o Prólogo, acompanhadas no texto pela estratégia discursiva da constante indicação da fonte. Mas a opção por uma forma a que se chama *Historia* não se faz sem consequências, em primeiro lugar, porque história surge também afectada por um propósito pedagógico; em segundo lugar, porque neste texto História e Diálogo se cruzam inextricavelmente.

Contrariamente ao que acontece noutras literaturas, em particular na italiana e na espanhola, não encontramos até agora, em Portugal, pelo menos no século XVI, nenhum autor que tivesse teorizado sobre o diálogo. Por isso, ainda que muito sumárias, as considerações que João Rebelo tece no seu Prólogo, na parte intitulada *Dase rezão porque se compoem em forma de Dialogo*, elas afiguram-se-nos de alguma importância e constituem uma nota de excepcionalidade no panorama do género em Portugal.

Uma vez mais, o autor preocupa-se em inserir o seu texto num filão já existente, agora assente num esquema paradigmático discursivo de pergunta-resposta, que a leitura da obra provará não ser consequentemente assumido, iniciado com o estilo "que usou o Spíritu Santu, como diz Origenes<sup>4</sup>", passa pelo texto bíblico, "no livro dos cantares: no qual introduz as pessoas de Esposo e Esposa<sup>5</sup>" e chega a Platão, sem esquecer o exemplo dos muitos Santos, como S. Jerónimo, S. Agostinho, S. Círiilo, S. Boaventura.

A propósito de Platão, diz-se:

"(...) e entendendo bem Platão a efflicacia e, força, que tem este modo de ensinar, toda a doutrina que tratou pos em forma de Dialogo assi da divina, em que trata de Deos, como da philosophia Metaphisica, Ethica, Politica, e Rethorica(...)"<sup>6</sup>

A opção de Platão pelo Diálogo, reside, pois, no facto de ele ser uma forma especialmente vocacionada para o ensino, opção a que não é alheio o próprio autor da *História dos Milagres do Rosário*, texto construído também com um propósito pedagógico. A provar a importância desta vertente no Diálogo clássico e renascentista, a que se pode aliar ou opor uma outra, a do deleite, surgem as reflexões de alguns teorizadores, entre os quais é devido citar Tasso, Sigonio<sup>7</sup> e Speroni.<sup>8</sup>

<sup>2</sup> *Idem*, p. V

<sup>3</sup> *Idem*, p. XVII

<sup>4</sup> *Idem*, p. XII.

<sup>5</sup> *Ibidem*

<sup>6</sup> *Ibidem*

<sup>7</sup> Carlo Sigonio, *Del Dialogo*, Roma, a cura di Franco Pignatti, Bulzoni Editore, 1993.

<sup>8</sup> Sperone Speroni, *Dialoghi del Sig. Speron Speroni nobile padovano, di nuovo ricorretti* in Venetia, apresso Roberto Meietti, MDXCVI

Sigionio, por exemplo, embora sem desvalorizar o *delectare*, insiste sobre a importância do *docere*. A forma dialógica passaria por um alargamento de um grupo de especialistas a um público mais vasto, sem que isso significasse deleitar "a rude multidão", objectivo da arte, tal como se lhe refere Castelvetro, no seu Comentário à *Poética* de Aristóteles. Já para Speroni o relevo é posto no *delectare* e, quanto a Tasso, se bem que no *Discorso dell'Arte del Dialogo* ele defina o diálogo da seguinte forma: "Abbiám, dunque, che 'l dialogo sia imitazione di ragionamento, fatto in prosa per giovamento degli uomini civili e speculativi (...)"<sup>9</sup>, referindo portanto a sua utilidade, já em *Il Nifo overo del piacere*, afirma que a troca de opiniões produz um "grandissimo diletto"<sup>10</sup>. Trata-se de uma discussão que está longe de ser pacífica e em que se torna necessário considerar o destinatário adequado ao Diálogo, bem como a própria especificidade temática deste último.

Da posição de João Rebelo, o que se pode inferir é a combinação das duas vertentes do *docere* e do *delectare* na sua concepção de Diálogo. Na escolha desta forma pesou muito o poder que ela tem de mais facilmente poder ser entendida pelo povo, como é referido o público-leitor. Tratar-se-á, em suma, de uma maneira agradável de tornar uma doutrina proveitosa. E a imagem escolhida para justificar esta opção é a da possibilidade que um "manjar tam excellente sabroso se apresentasse em hum prato mais rico e agradável, que se podesse achar(...)"<sup>11</sup>.

Mas se a discussão em torno do *docere* e do *delectare* nos não deixa alhear do pano de fundo de reflexões que preocupa os mais diversos teorizadores ela não ficará completa se não trouxermos à cena uma outra, a do *decorum*. Embora a ele não aluda explicitamente o autor, a sua intenção de contextualizar cada Diálogo, de caracterizar as personagens e de indicar o motivo que alegadamente terá circunstanciado este texto são elementos que contribuem para tornar verosímil, não o relato dos milagres, porque esse se apresenta como inquestionável, mas o motivo da sua elaboração.

Ainda no Prólogo, ocorre um facto que, julgamos, tem no essencial a ver com esta questão da verosimilhança. Como se de uma introdução explicativa se tratasse, o autor coloca já em diálogo as três personagens principais, acordando entre si uma peregrinação a N. S<sup>a</sup> de Guadalupe, não sem antes ter procedido a uma caracterização sumária de cada uma delas. Ambos pertencentes ao Colégio da Companhia de Jesus em Évora, Anselmo é apresentado como um homem já de idade, pregador experiente, Marcelo, também pregador, tinha grande inclinação para confissões e Eusébio, que era um promissor diácono, tinha acabado recentemente os seus estudos de Teologia. O facto de o autor ser ele também um jesuíta, e do mesmo Colégio, é, sem dúvida, mais um argumento a favor da observância do *decorum*, que imprime à obra um cunho de verosimilhança e nos faz colocá-la na esteira de autores como Cícero, pela extrema importância conferida a tal elemento.

---

<sup>9</sup> *Op. cit.*, p.345

<sup>10</sup> Citado por Nuccio Ordine no prefácio a *Discours sur le Dialogue*, Paris, Les Belles Lettres, 1992, p. 43.

<sup>11</sup> *Ibidem.*

Na transição do paratexto ao texto, depois de nos termos demorado já sobre as pertinentes reflexões contidas no primeiro, não podemos ainda deixar de reflectir sobre a asserção, feita pelo autor, de tomar o Diálogo para género da sua obra, devendo agora a nossa análise verificar se a leitura do texto a valida ou a contradiz.

Sabendo que o processo narrativo aparece na obra com uma frequência que não pode passar despercebida, a questão que agora nos deve ocupar é saber como coexistem diálogo e narração, se existe autonomia de um em relação ao outro, ou se mantêm uma relação necessária.

São questões a que tentaremos responder, não sem alguma dificuldade, porquanto o texto nem sempre se apresenta afectado por uma igual homogeneização de soluções para os mesmos problemas. A obra apresenta uma estrutura tripartida — Livro I, Livro II, Livro III, de extensão substancialmente diferente e gradualmente decrescente. O Livro I subordina-se ao título geral escolhido para a obra, o mesmo não acontecendo com os restantes. Mas se a identidade temática entre o I e o II é um factor a considerar, o mesmo já não se pode dizer no III. Enquanto os dois primeiros se ocupam de questões relacionadas com a devoção à Virgem, nomeadamente as formas que ela deverá assumir, o III prende-se exclusivamente com a devoção da paixão de Jesus Cristo, cuja reflexão é aparentemente apenas suscitada pela visita dos peregrinos ao mosteiro de S. Francisco e, em especial, a uma pequena ermida nele contida onde se podia ver uma pintura representando o aparecimento de Cristo ao franciscano.

Para além dos *exempla*, este pequeno Livro contém também Orações de meditação pela paixão de Cristo, emprestando ao texto um certo pendor lírico, do qual não está também alheado um cunho de hieratismo.

Os Livros são formados por diálogos, em número variável. Constante, no seu conjunto, é a presença das três personagens já referidas. A notação da regularidade desta presença carece, no entanto de algumas precisões, podendo, por vezes, a personagem apagar-se e dela não se fazer menção, face ao protagonismo de outra, ou então, porque ocupada em diálogo simultâneo de que o texto apenas a seguir poderá dar conta. Este elenco fixo vê-se, quase sempre, acrescido de outro, constituído por figuras surgidas a títulos diversos, como seja pelo encontro fortuito ou pela busca deliberada, encetada por uns ou outros.

Mau grado as invariantes que afectam os Diálogos podemos assentar numa estrutura que sirva um número razoável deles. Assim, encontramos Diálogos que obedecem a uma estrutura paradigmática de introdução, a cargo de um narrador omnisciente, não dramatizado, que nos contextualiza o diálogo — as cidades vão-se sucedendo neste peregrinar — e nos informa sobre as novas personagens que vão surgindo; de apresentação de um caso problemático para o qual se busca remédio (parta essa situação da iniciativa do peregrino ou da outra personagem); de sucessão de *exempla* que ilustrem o caso em análise e, finalmente, de conclusão demonstrativa da validade da prova oferecida pela situação exemplar.

O papel do narrador, devemos dizê-lo, ultrapassa os limites da introdução e exerce-se sempre e ainda na cedência da palavra ou na sua interrupção, através de signos demarcativos, constituídos fundamentalmente por verbos introdutórios; e faz-se necessária

na conclusão, pelo menos quando a prova da eficácia da narração do milagre só pode ser retirada *a posteriori*, ou porque o factor temporal é verdadeiramente indispensável para verificar a persistência do propósito daquele sobre quem recai a modificação, ou porque nem sequer é o ouvinte do milagre aquele que mais beneficiará com a sua moralidade<sup>12</sup>. Assim sendo, só um narrador investido de um poder omnisciente, poderia facultar-nos informações que se referem a eventos ocorridos num tempo que já não é o do presente do diálogo, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

"Vou muyto satisfeyto, respondeu elle, e levo proposito de em todos os mosteiros em que me achar de me fazer prègador, o que cuydo que não sera cousa de pouca honra, e proveito. Com isto se apartaraõ, e despois se soube que a Religiosa guardou todos estes conselhos e foy espelho de virtude, y por ella foy eleyta por abbadessa."<sup>13</sup>

Ou ainda: "(...) e despois se soube que Cresso fora buscar hum Cõfessor letrado com que se confessou, e tratou todos seus contrãtos, e que ia restituindo todo o que não podia levar, com grande edificação daquella terra (...)".<sup>14</sup>

Mas a função do narrador não se esgota ainda. Para além dos casos mencionados, assistimos, por vezes, ainda que de forma irregular, à reivindicação que ele faz da utilização do discurso indirecto, quando a opção maioritariamente assumida fora, noutros passos, entregar o relato dos milagres ou visões a um narrador dramatizado, quase sempre um peregrino, não estando, todavia, excluída a hipótese de ser outra personagem<sup>15</sup>. Assim, sem razão aparente, o narrador parece esquecer-se de dar a palavra, em discurso directo, à personagem, como habitualmente fazia, retirando-lhe parte da autonomia na enunciação e incorrendo num desvio que, pela sua extensão, não poderia passar despercebido.

"Então lhe contou Eusebio, o que escrevem os autores, que hum homem que sabia muito pouco, estudando muitas vezes por este livro angelico do Rosairo de N. Senhora (...)".<sup>16</sup>

Veja-se a diferença relativamente ao passo seguinte em que é Anselmo a assumir a narração do milagre, em discurso directo, falando com os pastores:

"(...) e para que saibais quãto nossa Senhora favorece aos pastores para que os ajude e não os deixe enganar (...) vos quero contar hum caso muyto raro que aconteceo poucos annos ha ã terra de Madrid. Ouve hum pastor mancebo (...)".<sup>17</sup>

Ainda na mesma narração ocorre um facto deveras raro, pelo menos tendo em conta os demais relatos. Trata-se da circunstância de ser dada oportunidade às personagens do

---

<sup>12</sup> Vários são os casos de personagens que aparecem a pedir remédio para outras.

<sup>13</sup> Fol. 49v

<sup>14</sup> Fol. 72v.

<sup>15</sup> É o caso, por exemplo do biscainho que narra o milagre do acrescentamento da cera para fazer as velas dos cários (fol. 138) ou ainda o dos meninos na doutrina Fpl. 197-200)

<sup>16</sup> *Op. cit.* fol 88.

<sup>17</sup> *Idem*, fol 89.

nível hipodiegético de elas próprias intervirem de forma imediata na enunciação, através do discurso directo.<sup>18</sup>

Relativamente ainda ao processo de enunciação não poderíamos deixar de referir o cuidado do narrador em estabelecer nexos entre alguns diálogos quer pelo anúncio sumário da matéria a tratar, quer ainda por se dirigir explicitamente ao leitor, suscitando o seu interesse, cativando a sua atenção.

Referindo-se à forma pela qual três donzelas conseguiram escapar à maledicência e ser felizes, graças à devoção do Rosário, diz o narrador:

"Mas se vos contenta muiyto ver remediadas donzellas, cuido que tambem vos ha de dar muiyto gosto contar como a Mãy de Deos e seu Rosairo, convertem grandes peccadoras, o que agora vos quero contar."<sup>19</sup>

Falámos já no papel que o narrador desempenha pela cedência da palavra às personagens, processo regularmente seguido ao longo da maior parte do texto, deveremos agora referir uma ou outra ocorrência excepcional nesta matéria.

Assim, a dado passo da obra, dá-se conta da chegada a Mérida de um grupo de comediantes, facto que vem suscitar uma certa perturbação na cidade, por se considerar que as suas práticas de representação eram menos conformes à moral cristã. Em diálogo com um dos elementos do grupo, sintomaticamente chamado Plauto, Anselmo tenta demovê-lo de levar por diante o pretendido espectáculo. O que há de particular neste diálogo é que a sua enunciação se faz directamente, no texto apenas aparecendo referidos os nomes das personagens<sup>20</sup>. Não fora haver no mesmo Livro outros passos em que isso acontece<sup>21</sup>, ainda que de forma esparsa, e quase diríamos ser esta opção ditada por razões analógicas com o aparecimento da personagem do actor dramático.

Do estudo do Diálogo não deverá estar ausente a análise da relação entre as personagens nele envolvidas. A determinação do seu teor ajudar-nos-á a melhor compreender a essência da obra e a verificar se os laços que as personagens entretecem assentam numa atitude de igualdade, ou se, pelo contrário, há personagens cuja actuação seja pautada por uma maior responsabilização, não apenas da gestão do discurso, como também da direcção das decisões nele tomadas.

Se o propósito desta obra é, como já vimos, de natureza edificante e passa pela comprovação do efeito miraculoso das várias formas de devoção à Virgem, é natural que o discurso de persuasão seja conferido a personagens religiosas, como os peregrinos, à partida dotados de um estatuto de autoridade diferente do dos demais. Por isso, são muitos a procurar o seu conselho, à espera de uma solução para um caso que se afigure problemático. Outras vezes são os próprios peregrinos a correr ao chamamento da sua intuição — caso de visitas a enfermos, a prisões. Em todos os casos, o discurso do

<sup>18</sup> *Idem*, fol. 96

<sup>19</sup> *Idem*, fol. 78.

<sup>20</sup> *Idem*, fol. 204 -207.

<sup>21</sup> *Idem*, fol. 197-198; 208-209; 214-216. A estes exemplos acrescenta-se que em boa parte do Livro III ocorre este processo, o que, dada a sua extensão (17 fólhos), acaba por ser pouco significativo no conjunto da obra.

peregrino é, pois, o discurso do saber que não pode ser posto em causa, ancorado em provas que, por serem sobrenaturais, são uma razão de fé. Por isso, resta, após a demonstração da prova, render-se à sua evidência. É sintomática a conclusão da maior parte dos exemplos: "vedes aqui como". Nada mais adequado para mostrar a verdade do que ver a prova provada. E a utilização recorrente do verbo *ver* tem outras implicações, como seja a transposição imagética de algo que ocorre no nível hipodiegético para o nível intradiegético.

Através de uma relação de especularidade a personagem revê-se no caso apresentado. O discurso faz-se, pois, numa vertente descendente, isto é, o sujeito de enunciação faz-se porta-voz da mensagem divina, através do relato da situação exemplar, de discursos moralizadores ou predicáveis.

Neste conjunto, realce-se o valor edificante do *exemplum* que, comparado a uma jóia engastada no sermão, é constantemente exaltado ao longo da obra. Que comporte o sermão uma narrativa exemplar é o que podemos depreender de vários passos do texto, em que é criticado o estilo de pregar inverso, e é tanto mais sentida esta necessidade quanto são outras personagens que não os peregrinos a afirmá-lo:

"Com estes exemplos que na pregação trouxe Anselmo ficou muito edificado o povo porque nũca o tinha ouvido, e lhe dezião muitas pessoas que se espãtavão porque seus pregadores não lhe cõtavão cousas semelhãtes de que se podessem aproveitar porque questões nem declarações da Sagrada escritura, não as entendião, nem tiravão dellas proveito".<sup>22</sup>

Afirmações deste teor são objecto de reiteração e, pela importância que o assunto parece revestir são mesmo objecto de um controverso diálogo com o pregador Tertuliano, defensor de que o estilo de pregar deve conter "cousas altas, explicações e conceitos agudos"<sup>23</sup>

Outras vezes, mais do que a dimensão persuasora, o diálogo assume uma dimensão catequética e nessas ocasiões as personagens perdem a sua individualidade própria e passam a ser distinguidas por antonomásia — o Mestre, o Discípulo. Cabe aqui ao Mestre ministrar uma doutrina e ao Discípulo aprendê-la. Por isso, faz sentido a questionação directa, como forma de verificação da aprendizagem. Então aí, o Discípulo, outras vezes também referido como Menino, faz-se contador de histórias de milagres que ouvira ou que lera. A narração ocorre perante um auditório mais vasto — tinham sido convocados à doutrina todos os meninos da cidade — e assenta naturalmente num princípio de repetição e multiplicação posterior.

Fora afinal este o propósito da partida dos peregrinos para N. S<sup>a</sup> de Guadalupe, aproveitar o caminho para uma mensagem de evangelização. E este é no essencial o motivo que norteia todo o Diálogo. Confissões, pregações, doutrina e história de milagres vêm servir um só intento, a consolidação da fé, a edificação. Logo, o recurso à estratégia da narração dos milagres, que ocupa em termos relativos a maior parte do texto, vem

---

<sup>22</sup> *Idem*, fol. 97.

<sup>23</sup> *Idem*, fol. 101v.

demonstrar como a Narração está nesta obra ao serviço do Diálogo, dele fazendo parte integrante.

Creio-nos, pois, em medida de afirmar estarmos perante um Diálogo com uma forte componente narrativa, o que, se não se faz com certeza sem prejuízo para o seu grau de mimetismo, não constitui, pelo menos, uma desvirtuação do género. Tomemos, para tanto, em linha de consideração, as várias opções na concepção do Diálogo que Tasso, seguindo de perto Sigonio, classifica em três espécies, a representativa, a histórica ou narrativa e a mista<sup>24</sup>, segundo distinções balizadas entre o total apagamento do narrador a favor da representação das personagens (Diálogo representativo) e a sua presença bem marcada (Diálogo histórico) ou um processo intermediário (Diálogo misto).

Somos levados a pensar que o modelo que João Rebelo quis tomar para este seu texto é o do Diálogo misto, e a afirmação que ele faz da assunção do Diálogo como género torna-se então compatível com uma outra, a de que a sua obra se fará história de milagres. E se é verdade que é Platão, enquanto autor de Diálogos, aquele que se cita no Prólogo, o que é certo é que, pelo menos do ponto de vista dos processos de enunciação, estamos mais perto do exemplo ciceroniano, modelo em que Narração e Diálogo revelam algumas confluências, fazendo-se mais próximos.

*Universidade da Madeira*

---

<sup>24</sup> "L'una delle quali può montare in palco, e si può nominar rappresentativa, perciò ch'in essa vi siano persone introdotte a ragionare: cioè in alto, com'è usanza di farsi nelle comedie e nelle tragedie; e simil maniera è tenuta da Platone ne' suoi Ragionamenti e da Luciano ne'suoi. Ma un'altra ce n'è che non può montare in palco, perciò che, conservando l'autore la sua persona, come istorico narra quel che disse il tale e l'cotale. E queste due ragionamenti si possono domandare istorico o narrativi; e tali sono, per lo più, quelle di Cicerone. E c'è ancora la terza maniera: ed è di quelli che son mescolati della prima e della seconda maniera, conservando l'autore la sua prima persona e narrando come istorico; e poi introducendo a favellar *dramàtikos*, come s'usa di far nelle tragedie e nelle comedie; e può, e non, montare in palco: ciò è non può montarvi, in quanto l'autore conserva la sua persona, ed è come l'istorico; e può montarvi, in quanto s'introducuno le persone rappresentativamente a favellare: e Cicerone fece alcuni ragionamenti si fatti." in Torquato Tasso, *Dialoghi*, Giulio Einaudi editore, Torino, 1976, tomo secondo, pp.334-335.